

# o fim da fenomenologia e a fenomenologia sem fim: o lugar de m. merleau-ponty no pensamento contemporâneo

the end of phenomenology and the phenomenology without end: the place of m. merleau-ponty in contemporary thought

cristiano perius<sup>1</sup>

## resumo

Este texto examina o lugar de Merleau-Ponty na filosofia contemporânea, tomando como ponto de partida a avaliação de Étienne Bimbenet segundo a qual a fenomenologia é um pensamento datado, cuja exegese das ideias de seus fundadores, ao menos, está superada. Para discutir o legado da fenomenologia, tomamos por base os comentários de Frédéric Worms e Dominique Janicaud. Aliado ao reconhecimento de uma “árvore genealógica” para os autores da fenomenologia francesa, destacam-se elementos de crítica à filosofia seminal de Merleau-Ponty, endereçados a Derrida e Foucault, sobretudo. Para avaliar o alcance da fenomenologia de Merleau-Ponty, acompanhamos o fenômeno de retomada de suas ideias sobre as ciências humanas, naturais e cognitivas, tal como Étienne Bimbenet o pratica, reconhecendo, porém, em sua atividade de retomada, a ausência do debate estético, que mereceria destaque, sobretudo a partir das recentes publicações dos Cursos de Merleau-Ponty no *Collège de France*, na década de 50.

## palavras-chave

Fenomenologia; Merleau-Ponty; Estética.

## abstract

*the paper examines Merleau-Ponty's place in contemporary philosophy, taking as a starting point Étienne Bimbenet's assessment according to which phenomenology is a dated thought, whose exegesis of the ideas of its founders, at least, is overcome. To discuss the legacy that the authors of phenomenology left, we will take as a basis the comments of Frédéric Worms and Dominique Janicaud. Combined with the recognition of a “family tree” for the authors of French phenomenology, elements of criticism of Merleau-Ponty's seminal philosophy appear, especially on the part of Derrida and Foucault. To evaluate the scope of Merleau-Ponty's phenomenology, it is necessary to follow the return of his ideas on the human, natural and cognitive sciences as Étienne Bimbenet practices it, recognizing, however, the absence of aesthetic debate, which deserves to be highlighted, especially given the recent publications of Merleau-Ponty's Courses at the Collège de France, in the 1950s.*

## keywords

Phenomenology; Merleau-Ponty; Aesthetics.

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Filosofia da UEM. E-mail: cristianoperius@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

O que faz a fenomenologia de Merleau-Ponty despertar o interesse de tantos críticos literários, cientistas, artistas, profissionais e amadores? O reconhecimento da fenomenologia de Merleau-Ponty, motivado pela iniciativa de descrever os fenômenos tal como aparecem na experiência, ainda se faz presente, a ponto de ser utilizado como ferramenta de apoio às ciências humanas e exatas. O interesse que desperta em diversas áreas do saber não é, no entanto, engessado em um sentido único, mais ou menos compartilhado. Por vezes, é a ontologia não dualista do quiasma e do *empiètement* (imbricação) que inspira a descoberta de novas pesquisas; em outras, é a teoria da percepção; e, em outras ainda, é a teoria da linguagem. Merleau-Ponty desperta tanto um interesse genérico – ligado à inclinação de sua obra como uma forma de aproximação intuitiva e livre de academicismos – quanto é alvo de estudos eruditos focados em problemas específicos. A inspiração fenomenológica, que contamina outras áreas do saber, no entanto, está longe de ter limites definidos.

Citemos, antes de entrar na questão que nos interessa (o lugar de Merleau-Ponty no pensamento contemporâneo), os campos do saber que bebem as águas da fenomenologia. Em primeiro lugar, a psicologia. Seja na psicanálise contemporânea (André Green, J-B. Pontalis, J. Lacan), ou na *Gestalttherapie*, Merleau-Ponty tem uma história de interface com a psicologia.<sup>2</sup> Ainda nas ciências humanas, alvo recente das análises de E. Bimbenet, *é muito claro o interesse pela fenomenologia de Merleau-Ponty na biologia* (Jakob von Uexküll, Humberto Maturana e Francisco Varela); *na medicina* (C. Olier, M. Crotty, A. Omrey), *na psiquiatria* (A. Tatossian), *na psicopatologia* (A. Felder. B. Robbins), *na neurobiologia* (G. Rizzolatti, G. Sinaglia, E. Henneman (a partir da descoberta de “neurônios espelho”). *Outras ciências humanas, como a pedagogia, a etnologia e a antropologia, também vêm sendo ocupadas pelo pensamento de Merleau-Ponty.*<sup>3</sup> *Na arte e na literatura contemporânea, o approach com a fenomenologia é, por assim dizer, muito eloquente. Basta que se olhe, neste quesito, o imenso volume de críticos literários e de teses acadêmicas voltadas a leituras fenomenológicas de escritores, poetas, pintores etc. Finalmente, é na filosofia analítica que se encontra uma nova fonte de interesse de Merleau-Ponty, motivado pelo debate entre filósofos conceitualistas (J.McDowell, B. Brewer) e não-conceitualistas (G. Evans, C. Peacocke, T. Crane).*

Para dar conta da multiplicidade de perspectivas em diferentes faces da fenomenologia de Merleau-Ponty, acompanhemos a apresentação histórica na qual ela está inserida.

## PERSPECTIVA HISTÓRICA

Ao acompanhar as objeções da filosofia analítica e do empirismo lógico à fenomenologia, Étienne Bimbenet faz a seguinte descrição histórica da fenomenologia:

*A fenomenologia está talvez em curso de viver o terceiro momento de sua história. Depois da ‘fenomenologia histórica’ dos fundadores (Husserl e Heidegger) e de seus continuadores, mais ou menos fiéis à inspiração inicial (Fink, Gadamer, Sartre, Merleau-Ponty, M. Henry, Levinas) [a]; retorna com força nos anos 1980*

<sup>2</sup> O contato de Merleau-Ponty com a psicologia acontece tanto em cursos na Sorbonne, onde precede a cadeira de J. Piaget, em 1952, quanto em textos específicos, como o prefácio à obra de Angelo Hesnard: *L’Oeuvre et l’esprit de Freud et son importance dans le monde moderne*. Paris: Payot, 1960. Re-editado em *Parcours II*. Paris: Verdier, 2000.

<sup>3</sup> Citemos, apenas para dar um exemplo, a coletânea *Merleau-Ponty & a educação*, organizada por Mariana Marcondes Machado, Editora Autêntica, agosto de 2010.

*e 1990, desta vez como objeto de comentário histórico e de exegese acadêmica [b]; e chega aparentemente ao tempo de uma fenomenologia de novo operante, ambiciosa de se tornar um método de investigação privilegiada no campo dos fenômenos humanos [c].<sup>4</sup>*

Examinemos de perto o teor da afirmação de E. Bimbenet. A fenomenologia aparece relacionada a certos nomes que constituem sua “árvore genealógica” a partir de uma escala tripartida. Se, aos olhos de E. Bimbenet, o mapeamento inicial do momento “c” conta com os nomes de Claude Romano, Jocelyn Benoist, Denis Fisette, dentre outros, cujo foco de trabalho visa a interface da fenomenologia com a filosofia analítica, sobretudo, podemos estender esta lista, citando os nomes de Henry Maldiney, Marc Richir, Jean-Luc Marion, Natalie Depraz, Jacques Garelli e Renaud Barbaras, dentre outros. Trata-se, a julgar pelo percurso intelectual deste último (R. Barbaras), da passagem da exegese fenomenológica (sobre Merleau-Ponty), no primeiro momento, para a edição de uma fenomenologia própria (além de Merleau-Ponty), no segundo. Ora, é nesta direção que Luiz Damon Moutinho caminha, quando, no editorial do dossiê *Merleau-Ponty*, na revista DoisPontos (v. 9, n. 1, abril de 2012), afirma claramente: “Não se descobre mais Merleau-Ponty”! Podemos incorporar, a este diagnóstico de certo esgotamento dos trabalhos exegéticos sobre os fundadores da fenomenologia, o percurso teórico do próprio E. Bimbenet, cujo título de um de seus trabalhos, datado de 2011, é “Depois de Merleau-Ponty”. (Sublinhe-se: “depois”).

Estas pequenas observações, embora escassas, são suficientes para estabelecer o seguinte quadro histórico da fenomenologia (cujo modelo segue, em gênero, número e grau, a indicação de E. Bimbenet): a - Fase histórica. Filósofos fundadores (até os anos 60); b - Fase exegética. Comentadores (anos 80 e 90); c – Atual momento (ano 2000 para frente). Se a indicação deste modelo, mesmo vago, estiver correta, o teor da última fase da fenomenologia coincide com a edição de novos temas, sem tratamento até o momento: fenomenologia da vida (Barbaras); fenomenologia assubjetiva (Patočka); fenomenologia do acontecimento [*événement*] (C. Romano); fenomenologia hermenêutica (Ricoeur); fenomenologia genética (M. Richir); fenomenologia da doação (J. L. Marion), fenomenologia alagmática (Jacques Garelli) etc.

A partir desta configuração, que parece corroborada por mais de um filósofo e/ou intérprete, a pergunta é a seguinte: Qual é a alternativa para os estudos sobre Merleau-Ponty, na França e fora dela? Tal alternativa, se confirmada, representa na verdade a falta de alternativa, a decalagem ou o anacronismo de algo que parece invalidar a maior parte dos trabalhos acadêmicos, baseados na explicação de textos. O trabalho de exegese teria já esgotado a força heurística, tornando-se a repetição e/ou variação dos “mesmos sem roteiro tristes périplos”.<sup>5</sup>

Nas páginas que seguem, esboçaremos duas alternativas que escapam à avaliação de Bimbenet, segundo a qual o trabalho de exegese acadêmica se encontra superado. A primeira alternativa leva em conta os inéditos. Aos cuidados de Emmanuel Saint-Aubert, estamos acompanhando a publicação dos cursos de Merleau-Ponty na década de 50, no *Collège de France*, denominados “Le monde sensible et le monde de l’expression”, publicado em 2011, “Recherches sur l’usage littéraire du langage”, publicado em 2013, e “Le problème de la parole”, publicado em 2020. Nestes cursos, é especial o desenvolvimento do conceito de “*écart*”, a partir do qual a ontologia de “O visível e o invisível” se encontra reconfigurada.

<sup>4</sup> BIMBENT, É. *Sens et sensibilité phénoménologiques*. Publicado em lavidesidees.fr, 17 de dezembro de 2010. Disponível em <http://www.lavidesidees.fr/Sens-et-sensibilite.html>. Acesso em 22/09/2024.

<sup>5</sup> Verso 27 do poema *A máquina do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade.

Um estudo atento e competente deste material inédito é relevante, pois não encontra lugar na crítica especializada.

A segunda alternativa é mais complexa. Para apresentá-la, iniciemos pela seguinte pergunta: — É possível que o *surgimento* de novos temas para a fenomenologia também seja, em certa medida, o *desenvolvimento* de aspectos de si mesma, prementes desde a origem? Eis a questão. Se a resposta a esta pergunta for afirmativa, os avanços da fenomenologia representam, em determinados casos, mais do que a absoluta originalidade, o diálogo renovado e/ou o retorno às próprias fontes. E isso é assim por uma razão. Como aponta Merleau-Ponty, leitor de Husserl,<sup>6</sup> a fenomenologia é menos uma doutrina de saberes do que a descrição da experiência, isto é, a elucidação infinita dos modos do aparecer.<sup>7</sup> Dominique Janicaud, no ensaio “A Fenomenologia em todos os seus estados”, defende um conceito pluralista para a fenomenologia, em razão de “haver *estilos* fenomenológicos variados” e “isso é bom” [acrescenta Janicaud] “para dar conta das muitas faces da fenomenalidade”.<sup>8</sup> D. Janicaud utiliza o conceito de *margem* para designar essa multiplicidade de facetas. Algumas, mais importantes, tal como a *margem* “lógica ou cognitiva”, contém o diálogo com a fenomenologia analítica (D. Janicaud cita o nome de Denis Fiset); *margem* “descritiva e estética” (D. Janicaud cita o nome de Henry Maldiney e o texto “*Excès du visible*”, de Édouard Pontremoli); *margem* “teológica da fenomenologia” (cita Emmanuel Lévinas, Jean-Luc Marion, Jean-Louis Chrétien, Michel Henry); *margem* “ontológica” (cita Renaud Barbaras, Marc Richir, Jacques Garelli); finalmente, *margem* “hermenêutica” (cita Paul Ricoeur). Numa descrição que avaliza essa multiplicidade de derivas para o mapa da fenomenologia, Jean-Pierre Cometti, que assina o prefácio ao texto de D. Janicaud, afirma que a:

(...) fenomenologia permanece dividida entre as ‘escapadas’ que a levam ora para uma filosofia primeira, ora para uma transcendência de estatuto ambíguo, e as perspectivas mais modestas, mais limitadas, melhores adaptadas ao estado da discussão filosófica, tanto quanto a inspiração fenomenológica reivindicava primitivamente o título de um ‘método’ centrado apenas sobre a fenomenalidade”.<sup>9</sup>

De forma que os avanços da fenomenologia são legítimos, sim, mas, note-se, já previstos em sua matriz originária, que é a experiência infatigável de retorno às coisas mesmas sem a visada do conhecimento (a partir da correlação sujeito/objeto) e sem partido dicotômico (material/espiritual) sobre o existente. É nessa direção que a filosofia de Merleau-Ponty parece ser, mais do que a síntese de um certo número de teses obsoletas, revisitadas segundo a época, o reflexo de um pensamento que continua aberto a uma pluralidade de perspectivas.

<sup>6</sup> Cf. o artigo: PERIUS, C. A definição da fenomenologia: Merleau-Ponty leitor de Husserl. *Trans/Form/Ação*, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 137–146, 2012. DOI: 10.1590/S0101-31732012000100009. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1805>.

<sup>7</sup> Lembremos o que diz Merleau-Ponty no Prefácio da *Fenomenologia da Percepção* (Paris: Gallimard, 1945, p.XVI): “Seria preciso que a fenomenologia dedique a si mesma a interrogação que endereça a todas as ciências, desdobrando-se infinitamente. Ela será, como diz Husserl, um diálogo ou uma meditação infinita e, na medida em que permanece fiel a sua intenção, não saberá jamais aonde vai. O inacabamento da fenomenologia e seu estilo incoativo (...) eram inevitáveis, porque a fenomenologia tem por tarefa revelar o mistério do mundo e o mistério da razão. Se a fenomenologia foi um movimento antes de ser uma doutrina ou um sistema, não é por acaso, nem impostura. Ela é laboriosa como a obra de Balzac, ou aquela de Proust, Valéry ou Cézanne, - pelo mesmo gênero de atenção e de espanto, pela mesma exigência de consciência, pela mesma vontade de compreender o sentido do mundo e da história em estado nascente”.

<sup>8</sup> JANICAUD, D. *La phénoménologie dans tous ses états: Le tournant théologique de la phénoménologie française; La phénoménologie éclatée*. Paris: Gallimard, 2009, p. 32.

<sup>9</sup> JANICAUD, D. *La phénoménologie dans tous ses états: Le tournant théologique de la phénoménologie française; La phénoménologie éclatée*. Paris: Gallimard, 2009, p.14.

O prefácio à edição das *Notas de Curso* (1959-1961), assinado por Claude Lefort, já chamava a atenção para o fato de que a ontologia do sensível “ligava numa mesma interrogação os problemas da filosofia, da psicologia, da psicanálise, das ciências da natureza, da arte e da literatura, e da política”.<sup>10</sup> A reflexão de Merleau-Ponty, mais do que um aglomerado de ideias, é “matriz” de ideias, segundo a expressão da *Fenomenologia da Percepção*, isto é, a *potência* de uma reflexão inspiradora que se presta a diferentes fins, matérias e disciplinas.<sup>11</sup> A conclusão de Janicaud visa marcar a importância do pensamento de Merleau-Ponty para a posteridade, sem que ele seja, importante dizer, nem a única, nem a maior referência da fenomenologia:

O último decênio foi marcado por uma magnífica renovação das pesquisas inspiradas pelo último Merleau-Ponty e por Henry Maldiney, estimulados por um novo esforço de tradução e de reflexão sobre a complexidade do pensamento husserliano, por uma exploração de trabalhos de fenomenólogos originais como Fink, Patocka, Erwin Strauss, por uma fecundação recíproca do campo fenomenológico com a hermenêutica, a lógica, a política, a estética e a psicopatologia, e mesmo pelo surgimento de usos polêmicos ou paradoxais de um conceito de fenomenologia livre de amarras com a ‘filosofia primeira’. Resulta disso uma impressão de explosão [*éclatement*], de trabalho nos confins (...). Alguns se farão guardiões do templo fenomenológico; outros preferirão fazer misturas [*bricoler*] no seu canto; outros, enfim, acomodar-se-ão a partir desta desordem.<sup>12</sup>

A citação acima, bem entendida, leva a crer que o desenvolvimento da fenomenologia compreende tanto a ação (prospectiva) de produção de novos temas quanto o trabalho (retrospectivo) de investigação de “bastidores”, interlocutores, atores coadjuvantes e predecessores.<sup>13</sup>

Christian Sommer, no texto intitulado “Transformations de la phénoménologie”, na coletânea *Nouvelles phénoménologies em France*, afirma que a nova geração é motivada pela ideia de *percées*, isto é, perfurações, aberturas, descobertas, nos textos dos primeiros mestres, sem, no entanto, desconsiderar que o efeito de investigar as bases possa levar a outros lugares, longe das fontes:

*Para praticar e melhor explorar estas aberturas [percées], a terceira via da fenomenologia francesa passa entre Husserl e Heidegger, e mesmo além, tomando os fenômenos no sentido oposto ao da consciência intencional, dando voz a fenômenos do ‘outro modo de ser’, a ‘nova fenomenologia’ pensa explorar territórios talvez indicados por Husserl e Heidegger, mas abandonados ou ignorados por eles. Ela se instala ao menos sobre um modo ambivalente, na*

<sup>10</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Notes de cours* (1959-1961). Paris: Gallimard, 1996, p. 9.

<sup>11</sup> Precisemos **alguns** estudos concretos, em *ato*, dos cinco caminhos (já apontados por Lefort) que já aparecem incorporados pela crítica. A) astrofísica e física quântica: textos de Jacques Garelli (“*Les esquisses merleau-pontyennes sur la Nature à l’épreuve des développements récents de l’Astrophysique*” e vários artigos da revista “*Chiasmi international*”); b) arte contemporânea: textos de Pierre Rodrigo (“*L’intentionnalité créatrice*”) e Mauro Carbone, sobretudo sobre cinema e literatura (“*Chiasmi international*”); c) ciências humanas: textos de Étienne Bimbenet (“*Après Merleau-Ponty*”) e Marcus Sacrin em artigos da “*Chiasmi international*”; d) política: Alexandre Carrasco e Leandro Cardim em artigos da “*Chiasmi international*”; e) lingüística: Cristiano Perius, em “*O trabalho do negativo – ontologia e linguagem em Saussure e Merleau-Ponty*”; f) psicologia: Reinaldo Furlan e Marcos José Müller. A iniciativa da “*Chiasmi*” é, sem dúvida, um lugar privilegiado, não único, de divulgação crítica. Note-se a participação de brasileiros na constituição da massa crítica sobre Merleau-Ponty (sem esquecer dos mais importantes: Marilena Chauí, Carlos Alberto R. de Moura e, mais recentemente, Luiz Damon Santos Moutinho).

<sup>12</sup> JANICAUD, D. *La phénoménologie dans tous ses états: Le tournant théologique de la phénoménologie française; La phénoménologie éclatée*. Paris: Gallimard, 2009, p. 168.

<sup>13</sup> Quanto aos precursores, note-se os estudos sobre a “arqueologia” da percepção em ensaios pré-fenomenológicos como os de E. Strauss e M. Pradines. (Cf. trabalhos de Mikel Dufrenne, sobretudo “*L’oeil et l’oreille*”, e de Renaud Barbaras, “*La perception: essai sur le sensible*”). Quanto aos atores coadjuvantes note-se a figura de Gilbert Simondon e Léon Brunschvicg, por exemplo. Coadjuvantes no sentido de autores **paralelos**, não necessariamente menos importantes, ao *mainstream* da fenomenologia.



diferença entre Husserl e Heidegger, jogando um contra o outro: se Heidegger deve servir para criticar o ego transcendental de Husserl e fornecer seu modelo de leitura onto-teológica da história da filosofia, o retorno a Husserl é solicitado para resolver aporias supostas ou as questões incontornáveis da analítica existencial de Heidegger. (...) Os autores estimam que a nova geração, sobretudo husserliana, é efetivamente liberta da ‘hipnose heideggeriana’.<sup>14</sup>

Façamos, a propósito desta citação, duas observações. A primeira diz respeito ao fato de que a fenomenologia é aberta a um diálogo, constantemente reaberto, *entre* filósofos, o que significa, por si só, uma multiplicidade de diferenças e perspectivas no seio de uma mesma “escola”. A segunda diz respeito ao efeito hipnótico de Heidegger, notadamente, mas, também de Sartre e de Merleau-Ponty. Que se evoquem, a respeito, duas situações: o “efeito de Heidegger”, tão criticado por Henri Meschonnic, para quem a herança imediata dos comentadores de Heidegger, sobretudo na França, é marcada pelo epigonismo de papagaios que mimetizam a linguagem do mestre<sup>15</sup>, e o “efeito de Sartre”, objeto de redescoberta, apenas agora, segundo R. Barbaras, por meio de uma leitura cronológica que faz justiça aos textos de juventude, marcados, na época, pela recepção/contaminação política da filosofia engajada.<sup>16</sup> Dessa forma, o estado atual da fenomenologia se encontra beneficiado tanto pela correção dos defeitos de leitura que marcaram a história da recepção do pensamento de Husserl, Heidegger e Sartre, quanto pela edição de “sistemas” próprios que os *personalizam*, uns em relação aos outros, livres de leituras indiretas e parasitárias.<sup>17</sup>

A prática atual da fenomenologia vai “estourar” [*éclater*], segundo a expressão de D. Janicaud, em direção a uma utilização ortodoxa dos conceitos fundamentais da fenomenologia, tornada possível pelos estudos de ontogênese, sem deixar de introduzir novas searas de problemas que evoluíram livremente da inspiração inicial. A possibilidade de estudos filogenéticos conserva, segundo a perspectiva de sondagem das fontes, certo ar de família, apesar do movimento que opera. Como aponta D. Janicaud:

Mas o possível fenomenológico seria talvez mais profundamente sondado se uma investigação totalmente nova, separada da obra husserliana, surpreende-se os locais de fronteira, os enxertos metodológicos e anexos imprevistos entre a fenomenologia transcendental e a semântica da ação, entre a morfogênese das idealidades matemáticas e a fundação de uma fenomenologia universal, entre a intuição eidética e a teoria de uma essência do político, entre o retorno à questão da intencionalidade e a pesquisa de novos modelos cognitivos.<sup>18</sup>

Se D. Janicaud fala de “enxertos [*greffes*] metodológicos e anexos [*repiquages*] imprevistos”, trata-se da suspeita de que as revoluções da fenomenologia estão insinuadas no projeto de Husserl, mesmo quando dele se afastam. Que se lembre, aqui, o que já dizia o clássico de Paul Ricoeur, “Na escola da fenomenologia”: “A fenomenologia é, grosso modo,

<sup>14</sup> SOMMER, C. (Org.) *Nouvelles phénoménologies en France*. Paris: Hermann, 2014, p. 12.

<sup>15</sup> Evoquemos, muito cedo, a resposta de Benedito Nunes, para quem a sedução da linguagem não é um privilégio das obras poéticas: “L’effet Heidegger’ é um efeito francês do qual estou imune: alveja o epigonismo heideggeriano, peculiar ao clima do pós-estruturalismo; expediente de choque, destina-se à terapia do heideggerianismo, doença do encantamento mimético, produzido pelo vigor de invenções verbais que atuam com a força de uma revelação misteriosófica para iniciados”. (Cf. NUNES, B. *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1993, p. 7) O livro de Henri Meschonnic é intitulado “Le langage Heidegger”. Paris: PUF, 1990.

<sup>16</sup> Cf. BARBARAS, R. *Sartre, désir et liberté*. Paris: PUF, 2005, p. 9.

<sup>17</sup> Françoise Dastur lembra que, na década de 1940, os nomes de Heidegger e Husserl estavam associados. Cf. DASTUR, F. *Un itinéraire philosophique*. In: *Nouvelles phénoménologies en France*. SOMMER, C (org.) Paris: Hermann, 2014, p. 69.

<sup>18</sup> JANICAUD, D. *La phénoménologie dans tous ses états: Le tournant théologique de la phénoménologie française; La phénoménologie éclatée*. Paris: Gallimard, 2009, p. 142.

a suma da obra de Husserl e das heresias que saíram de Husserl”.<sup>19</sup> “Se a fenomenologia é menos uma doutrina do que uma fonte de inspiração, se é menos uma escola do que uma proliferação de heresias, ela deve primeiro às próprias contradições de Husserl, obra não bem resolvida, confusa, rasurada, arborescente”.<sup>20</sup> É nessa medida que se pode reconhecer, também em Merleau-Ponty, uma filosofia seminal. Essa é a avaliação de Frédéric Worms, em “*La philosophie en France au XXe siècle*”: “Encontramos aqui não somente o problema filosófico de Merleau-Ponty, mas sua situação histórica, indispensáveis conjuntamente para meditar, se quisermos compreender, *os nossos problemas* de hoje”.<sup>21</sup> Isso significa que a cena filosófica não se modificou tão radicalmente como pode parecer, apesar das revoluções que apresenta. Mais ainda, que as hipóteses dos filósofos fundadores ainda nos atingem, fazendo de suas respostas e tentativas uma aquisição válida para sempre. A conclusão de F. Worms é desconcertante: “Sob mais de um aspecto, (...) Merleau-Ponty é seu próprio contemporâneo”.<sup>22</sup> Como ler afirmação tão profunda? Das duas, uma: ou nós estendemos, de forma projetiva e imaginária, o perfil das respostas de Merleau-Ponty a questões que não existiam em sua época,<sup>23</sup> ou avançamos a história do pensamento na direção de resolver os embaraços que ele mesmo, bem ou mal, já conhecia.<sup>24</sup> A perspectiva de E. Bimbenet visa prolongar o texto de um diálogo “que não aconteceu” (*qui n’a pas eu lieu*) entre Merleau-Ponty e as ciências humanas, especialmente as ciências sociais, sem descartar as ciências naturais (a partir de estudos de primatologia e etologia animal) e cognitivas, após a descoberta dos “neurônios espelho” (*neurones miroirs*) ou “esquemas ressoantes” (*systèmes résonnants*). Merleau-Ponty representa, no melhor sentido da expressão de Claude Lefort, uma “colônia ausente” (*colonne absente*), após sua morte prematura, em maio de 1961. Trata-se enfim da noção de **prolongamento**, que E. Bimbenet tão claramente nos apresenta,<sup>25</sup> inesgotável por si mesmo em possibilidades de aprofundamentos, mas, também, *tournants* e pontos de fuga. É nesse sentido que se pode reconhecer, segundo Christian Sommer, que “a geração atual radicaliza e sistematiza os avanços (*percées*) dos precursores além de Husserl e de Heidegger, – acrescentemos, prudentemente, de um certo Husserl e de um certo Heidegger – de forma a operar uma transformação no conceito mesmo de fenômeno”.<sup>26</sup> Trata-se, como já apontamos, de visar as novas searas de discursos para além do “núcleo duro” da fenomenologia, arejadas pelas noções de acontecimento (C. Romano), diferença antropológica (E. Bimbenet), fenomenologia do inaparente, *tournant* teológico etc.

Aliados ao movimento que constitui a “árvore genealógica” da fenomenologia, a partir de uma relação de continuidade mais ou menos espontânea entre os ramos e a raiz, encontram-se elementos de crítica declarada a Merleau-Ponty, provenientes de Derrida e Foucault, dentre outros. Mas nem Foucault, nem Derrida, são totalmente francos no

<sup>19</sup> RICOEUR, P. *À l’école de la phénoménologie*. Paris: Vrin, 1986, p. 9.

<sup>20</sup> JANICAUD, D. Op. Cit., p. 141.

<sup>21</sup> WORMS, F. *La philosophie en France au XXe siècle*. Paris: Gallimard, 2009, p. 294.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 302.

<sup>23</sup> Estamos pensando particularmente no desenvolvimento das mídias contemporâneas, de que os textos de M. Carbone (Cf. “La chair des images: Merleau-Ponty entre peinture et cinéma”. Paris: Vrin, 2011) dedicam-se a aplicar a ontologia do sensível ao conceito de “écran” (*dislay*, visor, tela).

<sup>24</sup> Carlos Alberto Ribeiro de Moura, além de Renaud Barbaras, destaca certas fragilidades do projeto Merleau-Ponty, seja pelo lugar do transcendental (problema do intuicionismo e das idealidades), seja pelo lugar da subjetividade.

<sup>25</sup> Cf. a seguinte passagem de E. Bimbenet: “F. Varela refere-se espontaneamente a Merleau-Ponty. Ora, não é um retorno a que ele defende, mas, sobretudo, um *prolongamento*: ‘Por *prolongamento*, não entendemos um exame erudito do pensamento de Merleau-Ponty no contexto das ciências cognitivas. Queremos antes dizer que os escritos de Merleau-Ponty nos têm ao mesmo tempo inspirado e guiado nossa própria iniciativa” (BIMBENET, É. *Après Merleau-Ponty: Études sur la fécondité d’une pensée*. Paris: J. Vrin, 2011, p. 239).

<sup>26</sup> SOMMER, C. (Org.) *Nouvelles phénoménologies en France*. Paris: Hermann, 2014, p. 12.

momento de tomar distância da fenomenologia de Merleau-Ponty. Que se veja, neste sentido, a indicação de Françoise Dastur a respeito:

Aliar os nomes de Merleau-Ponty e Derrida pode parecer estranho à primeira vista, pois seus pensamentos parecem virados de costas. Derrida jamais quis prestar atenção a interpretação que Merleau-Ponty dá a fenomenologia husserliana e por muito tempo ignorou sua última filosofia. Parece-me no entanto que o que pode os reunir é uma certa proximidade das suas noções de diferença (Merleau-Ponty) e *différance* (Derrida).<sup>27</sup>

Emmanuel Alloa, no artigo “Escritura, encarnação, temporização: Merleau-Ponty e Derrida acerca de A origem da geometria”, aponta para o fato de que, assim como Foucault, “Derrida é também fortemente influenciado pelo pensamento merleau-pontyano, bem mais do que algumas referências, raríssimas, encontradas na sua obra, dão a entender”.<sup>28</sup> As análises de E. Alloa caminham na direção de revelar uma “proximidade assustadora entre o último Merleau-Ponty e o primeiro Derrida”, uma vez que “algumas ideias *originalmente* derridianas já se encontram formuladas por Merleau-Ponty”.<sup>29</sup> A razão disto está em que, nas décadas seguintes à morte de Merleau-Ponty, tanto Foucault quanto Derrida se ocupam de encontrar alternativas “contra o pensamento de Sartre e de Merleau-Ponty, que dominavam”.<sup>30</sup> Mas essa fuga da linha corrente e principal, no que pode ter de benefício por atacar o dogmático *mainstream* filosófico, não impediu de revelar, por obra do convívio, os frutos do contato. Tal observação é importante, pois significa que a alternativa filosófica de reagir contra a fenomenologia, na ebulição das novas ideias das décadas de 70 e 80, conta com outros ingredientes (o estruturalismo, sobretudo, que, no entender de Frédéric Worms, aplica às ciências humanas as intuições matemáticas de Jean Cavailles). Em outras palavras, o ato de recusar as filosofias da consciência (Merleau-Ponty e Sartre) conserva ao mesmo tempo algo do que visa ultrapassar. A julgar pelas *Notas de curso sobre A origem da Geometria de Husserl*, temos razão para encontrar, de modo bastante semelhante ao conceito de “escritura”, de Derrida, o problema da expressão das idealidades matemáticas, segundo Merleau-Ponty. Quanto a Foucault, apesar do famoso vaticínio contra a filosofia de Merleau-Ponty, continuador da ultrapassada ação de explorar as “manifestações da subjetividade”, é possível reconhecer, tanto na intenção de renovar/alargar o conceito de razão quanto na concepção do político, uma proximidade comprovada. Como aponta E. Bimbenet: “Merleau-Ponty e Foucault são mais próximos do que deixa entender o nietzschianismo mal compreendido de ‘As Palavras e as Coisas’”. Um e outro trabalham para uma desobstrução da razão que é tudo menos um jogo de palavras”.<sup>31</sup>

Nisto pensamos que a prática [merleau-pontyana] de explorar os limites da filosofia entra em ressonância exata com a de Foucault, sob o aspecto ao mesmo tempo prático e teórico. Desfazendo o mito de um pensamento sem conteúdo e de uma ação cega, seu pensamento político anuncia, à distância, o ‘jogo difícil entre a verdade do real e o exercício da liberdade’ que deseja praticar Foucault.<sup>32</sup>

<sup>27</sup> DASTUR, F. *Phénoménologie et différence*. Paris: Les Éditions de la Transparece, 2004, p. 99.

<sup>28</sup> ALLOA, E. Escritura, encarnação, temporização. In: Merleau-Ponty. *Revista de Filosofia DoisPontos*, Curitiba: UFPR, v. 9, n. 1, p. 74, abr. 2012.

<sup>29</sup> ALLOA, E. Escritura, encarnação, temporização. In: Merleau-Ponty. *Revista de Filosofia DoisPontos*, Curitiba: UFPR, v. 9, n. 1, p. 90, abr. 2012.

<sup>30</sup> Ibidem.

<sup>31</sup> BIMBENET, É. *Après Merleau-Ponty*. Paris: J. Vrin, 2011, p. 21.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 37.



Nossa conclusão é a de que a tentativa de superar a fenomenologia é legítima, mas atravessada pela figura emblemática de Merleau-Ponty.

Seria ele realmente representante de uma filosofia do passado? Passado ultrapassado ou ultra futuro? O “*Après Merleau-Ponty*”, de E. Bimbenet, insiste sobre a atualidade dos conceitos de carne, expressão e imbricação (*empiètement*), projetando o futuro dos conceitos:

Em suas questões (enjeux), mas também em seu estilo, ou mesmo em suas formas (tournures) gramaticais, a filosofia de Merleau-Ponty aparece largamente programática. A percepção, a expressão ou ainda a carne aí são a maior parte do tempo designadas como lugar de uma renovação filosófica maior, e por isso essencialmente a vir. Merleau-Ponty exprime-se por futurização (“iremos ver que...”), ou ainda no condicional (“seria necessário nos acostumar à ideia de que...”), querendo dizer com isso que seu pensamento não valia somente pelo que pensava de maneira efetiva, mas também pelo que dava virtualmente a pensar.<sup>33</sup>

Por filosofia programática, segundo a citação acima, entenda-se um projeto de pesquisa cujo roteiro a percorrer é maior do que o percurso percorrido, a seara maior do que a colheita, o espírito maior do que a letra, isto é, os dispositivos lançados por ela abrem-se para um campo, um horizonte de possibilidades marcado por reservas silenciosas e germinações futuras. Como aponta Bimbenet: “a fenomenologia merleau-pontyana se mostra rica de antecipações frutuosas, de que gostaríamos de mostrar que tem todo um futuro diante delas”.<sup>34</sup> “É, em todo caso, assim que gostaríamos de ler Merleau-Ponty: como alguém que não teria necessariamente dito tudo, mas que seria o inventor de um geometral ontológico espantosamente fecundo e pleno de conclusões a vir”.<sup>35</sup> É neste sentido que se pode reconhecer, nos trabalhos de Bimbenet, em especial no “*Après Merleau-Ponty*”, a iniciativa de um diálogo que não aconteceu entre a ontologia de Merleau-Ponty e as novas descobertas das ciências humanas, naturais e cognitivas.

Citemos três passagens de E. Bimbenet que servem de exemplo para a “interlocução futura” de Merleau-Ponty: **1) Ciências humanas:**

e aceitamos que a carne é a tensão jamais resolvida entre o arcaísmo e a razão, a estranha coabitação do onírico e do simbólico, então é preciso aceitar a sociologia que, segundo nós, exprime com mais fidelidade este estranho laboratório antropológico que não é exatamente o que nós esperávamos. Daí a importância de uma segunda projeção sociológica, apta a liberar toda a carga de novidade desta ontologia.<sup>36</sup>

**2) Ciências da natureza:** “Por esta razão gostaríamos de examinar primeiro esta questão e tentar lançar um ponto de contato entre a promessa fenomenológica, já antiga, e a neurobiologia atual”.<sup>37</sup>; **3) Ciências cognitivas:** “Uma postura autenticamente merleau-pontyana consistiria por exemplo em entrar no calor dos debates da filosofia da mente, em tratar a fundo o *mind-body problem*, ou ainda o estatuto ontológico da representação que provém das ciências cognitivas”.<sup>38</sup>

Permanecem em aberto as futurizações de Merleau-Ponty sobre a arte contemporânea que, em mais de um aspecto, estão totalmente alheias às análises de E. Bimbenet. Tal lacuna analítica não se deve a impertinência do tema, mas a razões

<sup>33</sup> BIMBENET, É. *Après Merleau-Ponty*. Paris: J. Vrin, 2011, p. 9.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 210.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 166.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 183.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 209.

<sup>38</sup> BIMBENET, É. *Après Merleau-Ponty*. Paris: J. Vrin, 2011, p. 209.

contingentes. Estudos competentes, que levem em conta os prolongamentos da ontologia de Merleau-Ponty sobre a arte, são oportunos, senão necessários, para examinar o alcance e os limites da fenomenologia nos dias de hoje.

## NOVOS CONCEITOS

Além disso, há novidades trazidas pela publicação dos inéditos. Como aponta Cristiano Perius, que assina a resenha ao curso “O mundo sensível e o mundo da expressão”:

Com efeito, ao longo do texto, há constantes retomadas de questões originalmente formuladas nas duas primeiras obras do filósofo, agora consideradas à luz da temática da expressão, como se as novas análises tivessem um efeito retroativo sobre os resultados obtidos anteriormente (na “Estrutura do comportamento” e na “Fenomenologia da percepção”). Assim, por exemplo, no contexto da Fenomenologia, dizer que toda e qualquer percepção é, necessariamente, percepção-de-figura-sobre-fundo consiste, num só gesto, tanto em desmistificar o cânone objetivista das explicações empírico-causais quanto em ampliar o arsenal teórico da ciência, haja vista que esta última trabalha com oposições categoriais demasiadamente rígidas para lidar com a ambigüidade essencial do percebido com a qual se depara freqüentemente. Merleau-Ponty endossa e eleva o valor filosófico da da *Gestalttheorie* a um novo princípio de inteligibilidade, como se a pergunta pelo ser da forma, – explicitamente formulada, mas respondida de maneira pouco satisfatória nas primeiras obras – tomasse um novo fôlego, acabando por conduzir a investigação inicial a uma nova dimensão, onde não existe mais a noção de consciência.<sup>39</sup>

Importa compreender os novos conceitos, segundo os quais todo o pensamento de Merleau-Ponty é modificado. Entre esses conceitos, o principal é o de “*écart*” (desvio), cujo significado reside na ideia de que a apreensão dos objetos não se dá por perfis em um campo de presença que pressupõe a consciência intencional do objeto. O campo de presença, diante do qual a consciência constituinte desempenha o papel de núcleo de sentido, torna presente a referência à identidade positiva do objeto, isto é, sua essência como intuição invariável. O conceito de *écart* não leva mais em conta a identificação do objeto pré-disposto à variação subjetiva. O que importa ao conceito de *écart* é o desvio em relação à regra, a variação em relação ao nível. Por isso, a relação intencional não é mais efetuada em relação ao objeto (a coisa percebida), mas ao todo ou ao sistema em que está inserido. Merleau-Ponty retoma e amplia o alcance da Gestalt. Vemos o objeto, sim, mas a partir de um fundo que o permite aparecer. O sentido não está no objeto, mas no todo. É negativo, pois o aparecimento da coisa enquanto objeto identificável pressupõe o todo, de que é uma diferença específica. Não há mais a referencialidade do objeto unificado por uma consciência que opera a síntese perceptiva, ainda que seja uma síntese operante ou passiva. Não há um campo de presença a partir do qual o objeto se apresenta à percepção, ainda que inesgotável, em razão de sua possibilidade de variação por perfis. O que há é o sensível, a partir do qual todos os objetos aparecem, ora como fundo, ora como forma. Os objetos, assim, aparecem destacados como aspectos ou variações dentro de um sistema (o nível). O que é essencial ao objeto não é mais sua presença à consciência, mas a dimensionalidade do sensível, que permite a visão do desvio em relação ao nível e vice-versa. Não há mais o retorno às coisas mesmas, lema da fenomenologia de Husserl, no sentido de retorno à doação de um objeto intencional. O objeto, agora, é uma parte total ou um mundo, pois cada objeto é uma dimensão do mundo, só reconhecido a partir do

<sup>39</sup> PERIUS, C.; HIDALGO, M. Resenha a MERLEAU-PONTY: Le monde sensible et le monde de l’expression. *Revista DoisPontos*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 295-301, abril de 2012.

sistema de variações internas. É por isso que Merleau-Ponty diz, em *O visível e o invisível*, que o vermelho é um mundo, pois só pode ser reconhecido a partir do sistema cromático de que é uma variação ou figura. Não há mais o primado da percepção, pois entre as coisas percebidas e o sensível há um nó górdio ou elo intrínseco. Não há mais a concepção do sujeito como tempo, isto é, o campo perceptivo fundado pelo campo temporal do sujeito que opera as sínteses ideais dos objetos através da percepção de um invariável (ainda que este sujeito seja um corpo). Merleau-Ponty retira do signo diacrítico uma lição seminal e a aplica à percepção corporal e sensível.

No curso de Merleau-Ponty recém-editado, intitulado *Pesquisas sobre o uso literário da linguagem*, o filósofo pergunta o que é a literatura. Questão de Sartre, sim, mas que Merleau-Ponty retoma não somente para discutir o engajamento e a “anti-ação” do escritor, mas, muito mais, para estudar os desafios (*enjeux*) da literatura, ou seja, o que está em jogo no fenômeno da expressão. Trata-se de compreender por que a linguagem não é estranha, separada ou alheia em relação ao mundo que ela edita. Não é uma carta, uma régua ou uma tábua de designações preconcebidas, mais ou menos adequadas às coisas. Não é um achado privilegiado (linguagem venturosa, divina, adamantina), nem uma operação estéril (linguagem incompleta, deficitária, empobrecida). Não é transparente ou cristalina, no sentido de linguagem objetiva e sem intencionalidades, reticências, obscuridades, nem, ao contrário, misteriosa ou inacessível, no sentido de linguagem privada, subjetiva. Não há linguagem salvadora, redentora, como também não há linguagem irre recuperável, fadada à ruína. Linguagem, pensamento e mundo, como puros relevos, são indiscerníveis. Isto significa que entre o sensível e o linguístico, a percepção e a expressão, não há trincheira (do fr. “*trancher*”: cortar separando), isto é, não são dois planos lado a lado, não estão face a face, visto que não há uma linguagem (tempo 1) esperando a hora de aparecer no mundo (tempo 2), assim como não há mundo sem a forma de uma língua. Até mesmo os fenômenos da consciência, tal como a intencionalidade, não são pensáveis sem a gramática e esta é a razão pela qual a ontologia de Merleau-Ponty não se completa sem a fenomenologia da linguagem.<sup>40</sup>

A reflexão sobre a linguagem é central para a arte moderna e contemporânea. Note-se aí o papel da metalinguagem, fundamental para Valéry (como o próprio curso de Merleau-Ponty o enfatiza). Isto quer dizer que a linguagem não é exterior ao mundo que ela habita. Ora, o conceito clássico de imitação desconsidera totalmente o papel da **imersão** do homem na natureza. Para a arte moderna e contemporânea, a natureza não é mais o que aparece diante do artista a partir de um ponto de vista absoluto, ao contrário, é algo que se trata de constituir e decifrar continuamente, sem a possibilidade de evidência. O real não é algo *diante de* nós, visível em sua totalidade – por obra de uma inteligível visão de sobrevoos (visão do alto) –, ao contrário, estamos imersos nele sem o segredo ou a possibilidade de constituição completa. O inacabamento dos modernos, nesse sentido, é a prova que faltava para a edição de uma obra de arte que hesita eternamente em torno de uma forma inédita e imperfeita. É neste momento que os princípios básicos da imitação, como a simetria, o equilíbrio, a proporção, as leis áureas de enquadramento, caem por terra, pois não se trata mais da perfeição formal do objeto estético, mas de exprimir o que se dá na percepção. A literatura moderna vai, conforme as palavras de Merleau-Ponty, abolir com a “ficção de um absoluto literário que poderia ser possuído, pois, resultante de uma

<sup>40</sup> Cf. *A prosa de mundo*: “Precisamos pensar a consciência nos acasos da linguagem e impossível sem seu contrário” (MERLEAU-PONTY, M. *La prose Du monde*. Paris: Gallimard, 1969, p. 49.) Em outras palavras: precisamos pensar a consciência na linguagem e não a linguagem na consciência, isto é, (a descrição dos) fenômenos da consciência imprimem uma gramática.

literatura que percebe que não há universal e interpessoal imediatos”.<sup>41</sup> A relação signo-significação, agora, não é mais, como antes, objetiva, evidente, reconhecida imediatamente sobre os objetos e suas designações, mas labor expressivo, trabalho do negativo.<sup>42</sup>

É neste sentido que podemos ler, na segunda lição do curso sobre a literatura, a seguinte pergunta de Merleau-Ponty: “Por que nos dirigir à literatura para elaborar uma teoria da linguagem? Para ultrapassar o caso da linguagem objetiva, isto é, fundada sobre convenções prévias”.<sup>43</sup> A expressão literária, problematizada em seu próprio meio, não tem mais o direito de ser adequada, correspondente, isto é, a faculdade de dizer indubitavelmente algo, mas, ao contrário, descreve a impossibilidade de o dizer, estabelecendo, entre a forma e significação, a intencionalidade do autor, cujo valor é intrínseco e incorporado à obra. A forma literária, insegura de si mesma, procura, não necessariamente encontra, a forma exata de ser. É uma atividade formativa, antes do que a representação ideal do mundo (ainda que realizada de um ponto de vista técnico muito elaborado e erudito). Em outras palavras, a expressão artística é indireta e paradoxal, se não for, *in extremis*, vazia. Letra muda, silenciosa. Este novo estado literário, que aparece por paradoxos, merece ser investigado a fundo, pois que se abre a uma dimensão em que, segundo o curso sobre a literatura: “toda linguagem nos engana porque nos faz crer no outro em cheio (*à des pleins*), mesmo onde só há vazios ou lacunas”.<sup>44</sup>

Diante deste quadro específico da literatura (Merleau-Ponty cita Valéry, Stendhal, Proust, dentre outros), fica claro que a interrogação filosófica repercute sobre a arte. Conclui-se disso que o fim da fenomenologia é também a fenomenologia sem fim, pois seus conceitos, se é verdade que acabam na filosofia, recomeçam na arte e na literatura.

\*Observação: O título deste ensaio é inspirado no trabalho “Os fins do modernismo e o sem-fim dos modernismos”, de autoria do Prof. Dr. Daniel Bonomo (UFMG), com quem dividi a mesa de conferências no evento “Modernismo e seus desdobramentos”, em 13/04/2022. O evento foi organizado pelo Prof. Luís F. S. Nascimento (UFSCar).

## REFERÊNCIAS

ALLOA, Emmanuel. Escritura, encarnação, temporização. In: Merleau-Ponty. **Revista de Filosofia DoisPontos**, Curitiba: UFPR, v. 9, n. 1, p. 71-95, abr. 2012.

BIMBENET, Étienne. **Après Merleau-Ponty**: Études sur la fécondité d’une pensée. Paris: J. Vrin, 2011.

<sup>41</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Recherches sur l’usage littéraire du langage*. Cours au Collège de France. Genebra: MétisPresses, 2013, p. 82.

<sup>42</sup> O trabalho do negativo é a operação que pressupõe a primazia do sistema sob o signo, isto é, o princípio de Saussure segundo o qual não é a positividade do signo que importa para o fenômeno da significação, mas do sistema que opera através dele. “Trata-se da união e vizinhança entre signos que não significam nada em si mesmos, mas em função de. Uma palavra, que já não dizia respeito a uma coisa, não diz respeito a si mesma. Só a diferença, pois a escolha de uma palavra está na oposição às outras, carregando a significação das outras junto dela e junto com aquela que, através das outras, só ela tem”. Cf. PERIUS, C. PERIUS, Cristiano. O Trabalho do Negativo: Linguagem e Ontologia em Saussure e Merleau-Ponty. *Trans/Form/Ação*, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 69–108, 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/3376>.

<sup>43</sup> MERLEAU-PONTY, M. *Recherches sur l’usage littéraire du langage*. Cours au Collège de France. Genebra: MétisPresses, 2013, p. 87.

<sup>44</sup> Idem, p. 111.

BIMBENET, Étienne. **Sens et sensibilité phénoménologiques**. Publicado em [lavedesidees.fr](http://lavedesidees.fr), 17 de dezembro de 2010. Disponível em <http://www.lavedesidees.fr/Sens-et-sensibilite.html>. Acesso em 22/09/2024.

DASTUR, Françoise. **Phénoménologie et différence**. Paris: Les Éditions de la Transparece, 2004.

JANICAUD, Dominique. **La phénoménologie dans tous ses états**: Le tournant théologique de la phénoménologie française; La phénoménologie éclatée. Paris: Gallimard, 2009.

MACHADO, Mariana Marcondes. **Merleau-Ponty & a educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **La prose du monde**. Paris: Gallimard, 1969.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Parcours deux**. Paris: Éditions Verdier, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Notes de cours** (1959-1961). Paris: Gallimard, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Notes de cours sur L'origine de la géométrie de Husserl**. Seguido de Recherches sur la phénoménologie de Merleau-Ponty. (Org.) BARBARAS, Renaud. Paris: PUF, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le monde sensible et le monde de l'expression**. Cours au Collège de France. Notes, 1953. Texte établi par Emmanuel de Saint Aubert et Stefan Kristensen. Genebra: MetisPresses, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Recherches sur l'usage littéraire du langage**. Cours au Collège de France. Notes, 1953. Texte établi par Benedetta Zaccarello e Emmanuel de Saint Aubert. Genebra: MétisPresses, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le problème de la parole**. Cours au Collège de France. Notes. 1953-1954. Texte établi par Lovisa Andén, Franck Robert et Emmanuel de Saint Aubert. Genebra: MetisPresses, 2020.

MESCHONNIC, Henri. **Le langage Heidegger**. Paris: PUF, 1990.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. Merleau-Ponty e a "filosofia da consciência". **Revista de Filosofia DoisPontos**, Curitiba: UFPR, v. 9, n. 1, p. 121-153, abr. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/29096/19157>.

NUNES, Benedito. **No tempo do niilismo e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1993.

PERIUS, Cristiano. A definição da fenomenologia: Merleau-Ponty leitor de Husserl. **Trans/Form/Ação**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 137-146, 2012. DOI: 10.1590/S0101-31732012000100009. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1805>.

PERIUS, Cristiano. O Trabalho do Negativo: Linguagem e Ontologia em Saussure e Merleau-Ponty. **Trans/Form/Ação**, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 69-108, 2013. DOI: 10.1590/S0101-31732013000300006. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/3376>.



PERIUS, Cristiano; HIDALGO, Matheus. Resenha a MERLEAU-PONTY: Le monde sensible et le monde de l'expression. **Revista DoisPontos**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 295-301, abril de 2012.

RICOEUR, Paul. **À l'école de la phénoménologie**. Paris: Vrin, 1986.

SOMMER, Christian. **Nouvelles phénoménologies en France**. Paris: Hermann, 2014.

WORMS, Frédéric. **La philosophie en France au XXe siècle**. Paris: Gallimard, 2009.